

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA

SEMANARIO HUMORISTICO

Associação Literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANNA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO  
SÉRGIO



## LUZ DA RIBALTA



Estão de parabens dois dos nossos directores. Aceitem por isso um abraço dos outros dois

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

# CONCURSO DA NOTA DO BANCO

## RESULTADOS DA 2.ª SEMANA

### Acertaram na nota de 100\$00

Alberto Valente Pinto, João da Fonseca, Augusto Vasco, Zé Manel, Monteiro II, António João, Não aufero uma? e Zacarias de Sousa.

### Acertaram na nota de 50\$00

Miguel Novais, Rui Zézé, Olímpia da Silva Vilas, Príncipe da Boa Vida, Marina Pereira e Bispo Contente.

### Acertaram na nota de 20\$00

Patrício, Joaquim Giralde, Serafim Quelhas, Um Vilarrealense, A. P. B. I.º, Luis Freitas, Eduardo Serrano, Oliveira Monteiro, António Soares de Sousa, Atom Rutra, Pedro Rodrigues dos Santos, Manuel Júlio, Joaquim Ruela Ventura, M. Augusta, Joaquim Queiroz, Henrique José Teixeira, Olegna, A. Ferreira da Silva, António Pires de Figueiredo, Rita Maria, F. Leal Júnior, Airam, João Beleza, Delfim de Freitas, António Barbedo, Abed-el-Krim, António Martins, Mário Santa e Armando de Oliveira.

### Acertaram na nota de 10\$00

Joaquim Giralde, Serafim Quelhas, Um Vilarrealense, Zé Barão, José Teixeira de Carvalho, Zé Pardal, M. Rosa Plácido Santos, Rosa Andrade, Fantomas I.º, Manuel P. Salazar, Armando S. Carvalho, Inácio da Fonseca, Trinta fun, Henrique Ferreira da Silva, + ou -, Monteiro Kikinho, António Ferreira, Pirolito, Carmem beiro, Miss Diabo, Nicolau Leandro, António Rodrigues da Silva, Messias Gasto e Delfim Rodrigues.

### Acertaram na nota de 5\$00

Arnaldo Pereira e Jaime Soares da Silva

## DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS

### Concorrentes à nota de 100 escudos:

Como são só 8, entregaremos desde hoje 12\$50 esc. a cada um.

### Concorrentes à nota de 50\$00 escudos:

São em número de 6. Cabe, portanto, uma quantia de 8\$00 a cada um. Mas MARIA RITA no desejo de agradar sempre, põe à disposição daquele que o preferir, um livro dos que tem vindo a distribuir.

### Concorrentes às notas de 20\$00 e 10\$00 escudos:

Entre estes tornar-se-ia irrisória a subdivisão. Em face disto, entregar-se-á a cada um dos premiados, 2 exemplares da MARIA RITA, à escolha.

Na de 5\$00 acertaram 2, cabendo, portanto, 2\$50 a cada.

### Relação dos premiados na terceira semana

Acertaram na nota de 100 . . . . . 21 concorrentes	Acertaram na nota de 20 . . . . . 30 concorrentes
" " " " 50 . . . . . 16 "	" " " " 10 . . . . . 4 "
Acertaram nota de 5 . . . . . 2 concorrentes	

### OS VERDADEIROS NÚMEROS DAS NOTAS

Na terceira partida: 12390 — 15722 — 14333 — 17652 — 12953

## CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

### JOGO DO QUIÑO

Prémios no valor de 6:000\$00

VEJAM CONDIÇÕES E PLANO NA NOSSA ULTIMA PAGINA



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

O caso é um tudo nada rabelaisiano, e melhor cabida teria em número carnavalesco. Mas não resistimos à tentação de o comentarmos, visto ter vindo a lume nas colunas de um nosso colega, o velho e ponderado *Jornal de Notícias*. Transcrevemos na íntegra:

### «Um funcionário insensível

*Foi participado superiormente, por um guarda de segurança da 2.ª esquadra, que o encarregado das sentinas públicas do Campo 24 de Agosto, se recusou a permitir que um indivíduo de nome Manuel de Azevedo, de Coimbrões, Gaia, se utilisasse das mesmas a-pesar-de mostrar necessidade urgente, originando o estranho facto grande borborinho, juntando numerosos populares e a intervenção do referido guarda, ao qual o encarregado não prestou a devida atenção, desrespeitando-o.*

*A solução para o caso foi dada pelo guarda da segurança que, ante a exaltação dos ânimos e a aflição do paciente, procurou entre os moradores do local um que generosamente pôs à sua disposição uma retrete.*

*O incidente foi já participado à direcção dos Serviços M. das Aguas e Saneamento.*

*O encarregado das sentinas não foi prêso por se refugiar nas mesmas.»*

E' perfeito, e de inteira justiça, o título achado pelo repórter: *Um funcionário insensível*. De facto, no exercício da sua função, é necessário que o homem tenha no peito um calhau, em vez de músculo cardíaco, para impedir que o pobre Manuel de Azevedo exercesse também uma função não menos nobre e útil, que os homens de ciência incluem na fisiologia da vida vegetativa. Provavelmente, o cidadão de Coimbrões encontrava-se a regime de ameixas sêcas, por conselho do nosso ilustre colaborador, Dr. Amílcar de Sousa. Ao passar no Campo 24 de Agosto, a etiqueta de essa praça, marcando a data de uma das maiores revoltas portuguesas, revolta-o também lá por dentro, exigindo-lhe que se sentasse uns minutos, com a máxima comodidade. Correu para o elegante edificio ao rés-do-chão que a nossa excelentíssima Câmara, sempre prôvida e paternal ali mandou erguer. E pelo caminho, de olhos fitos

no almejado pavilhão, ia murmurando o consabido verso do *Noivado do Sepulcro*:

*Só tem descanso quem ali baixou!*

Entrou como um foguete, impetrando do empregado o inesquecível obséquio de lhe abrir uma das portas interiores. O funcionário, porém, com a insensibilidade e a firmeza de uma rocha à beira-mar plantada, retrucou:

—Estou no meu período de descanso, que é das duas da tarde às três e meia, como determina a ordem de serviço. Volte de aqui a uma hora. E o que lhe vale é não ser hoje sábado, porque aos sábados faço semana inglesa.

—Mas, meu caro senhor! Trata-se de um negócio urgente!

—Já lhe disse! Volte de aqui a uma hora!

O impetrante, que pelos modos é lido nos *Lusíadas*, apertou as mãos na cabeça, depois no ventre, e em seguida colou-as uma na outra, junto ao peito, protestando:

*Que geração tão dura há hi de gente,  
Que bárbaro costume e usança feia,  
Que vedem esta casa a um padecente  
Entre as duas da tarde e as três e meia?*

A nada se moveu, contudo, o empedernido funcionário municipal. O pobre Azevedo perdeu a prosa... e o verso. Entretanto, ia-se juntando gente.

—Coitadinho do homem!—diziam as mulheres. —Suplício assim, nem nos tempos da Inquisição!

—Maroto!—gritavam os populares do sexo masculino.—A invocar a ordem de serviço, para pôr a desordem nos serviços dos outros!

Era geral a indignação. Dentro de pouco, já se falava em linchar o descarroável funcionário. E os brados de protesto sucediam-se, cada vez mais clamorosos:

—Viva a liberdade... de ventre!

E' assim que principiam as grandes revoluções... intestinais.

Felizmente, sobreveio um polícia que conseguiu aquietar a multidão, embora não alcançasse demover o inabalável empregado. E' claro que lhe não chei-

rava bem aquilo. Por isso insistiu uma, duas, muitas vezes. Nada! *J'y suis, j'y reste*, como o célebre estadista francês. Por último, o bondoso agente teve uma ideia digna de Salomão: pedir a um vizinho que dêsse consolador abrigo, por um quarto de hora, ao torturado cavalheiro de Coimbrões.

Sempre assim acontece. E' tão infelz esta invicta cidade do Pôrto, que, para valer a qualquer aflição, se torna sempre necessário apelar para a assistência particular!

\*

Socorrido o homem, era de justiça prender o verdugo que tanto o martirizara. Mas êle tinha-se refugiado num dos campamentos da sua repartição. E o polícia entendeu—a nosso ver, muito bem—que há um certo número de asilos invioláveis.

Retirou, portanto, para depositar a respectiva participação no seio da Direcção das Aguas e Saneamento. Cumpriu o seu dever até ao fim. Resta que quem de direito aplique uma boa ensinadela ao *funcionário insensível*. Que êle se veja agora em cólicas—já que se delicia em fazê-las sofrer aos outros.

Marcial JORDÃO.



## O Jack:

O Jack, um cão peludo muito esperto, E' meu e dos meus netos companheiro... Com êles salta, brinca, anda ligeiro, Num lindo olhar brilhante muito aberto.

Quem tem um cão, tem um amigo certo, E' êste é o mais sincero, o verdadeiro... Inda que eu procurasse, no Mundo inteiro, Jamais podia assim ter descoberto!...

A's vezes êste meu, olha p'ra mim, Num olhar que é tão cheio de ternura, Que me arrebatava a alma, ao vê-lo assim!...

Só tu, *mulher fatal*, és criatura, Se olhas, já se vê que tens o fim, De me venderes a tua formosura!!...

Alfredo Cunha (RAZA).

### O' Luz do Operário!

Que grande, imensa, portentosa pena  
tem êsse prosador extraordinário  
que é teu *corresponsal* na Madalena!  
Pena? — Caneta! Eu sei... Talvez canudo,  
ou pau de virar tripas,  
se não fôr tranca de fechar as portas.  
Talvez aquele pau de que se servem,  
para sondar o âmago das pipas,  
os que vêm à cidade em horas mortas...  
Diz-me, ó Luz, o gentilíco instrumento  
que emprega, ao escrever, êsse portento  
chamado Raúl Santos,  
e qual o Dicionário  
em que rebusca tantos têrmos, tantos,  
p'ra evacuar aquela prosa insossa  
que, não cabendo já na sua fossa,  
verte os sobejos na Luz do Operário.  
Como escreve? De pé, ou de gatinhas?  
De cócoras? De bruços? Ventre ao ar?  
E como é que consegue dejectar  
tantas asneiras em tão poucas linhas?  
Não percas o Raúl, Luz adorada,  
nem lhe deixes cair das mãos a pena!  
Se êle nos falta, foge a gargalhada.  
Lê-lo, é melhor que o Amarante em cena!  
Melhor que uma comédia musicada!  
Vai ter um monumento ao natural.  
Merece-o bem, com tanto gênio e chança.  
Vamos formar com êle o pedestal  
da estátua equestre do bom Sancho Pança  
quando corria a Mancha,  
atrás do amo, com o seu bernal!

Raúl! Se a Academia te lobriga,  
estende-te de pronto a mão amiga,  
e ficas imortal!

\*

Na exposição do Parque de Lisboa,  
tôdas as noites surgem diversões:  
agora um orfeão que o ar atroa  
entoando lindas árias e canções;  
logo um balão que sobe co' um gymnasta  
fazendo evoluções  
num trapésio flexível, que o arrasta  
até às mais longíquas regiões.  
Sejam, porém, quais fôrem os artistas,  
o que se não dispensa  
é um lindo e original fogo de vistas  
que deixa a turba imóvel e suspensa.  
É eu acho bem. No velho Portugal,  
desde que há oradores e estadistas,  
deve o fogo de vistas  
ser tido como indústria nacional...

\*

Na Estrada de Benfica, uma criada,  
depois de ter roubado o seu patrão,  
fingiu-se amordaçada,  
p'ra que a Polícia fôsse na peügada  
de outro qualquer ladrão.  
Registemos o avanço que está tendo  
a arte de roubar:  
em vez de um atentado ultraestupendo,  
uma força vulgar...  
Tão vulgar, que a Polícia, onde concorrem  
Sherlocks de valor, bateu na testa  
e descobriu a fraude manifesta.

### Impostos e badalos

Um *ayuntamiento* espanhol resolveu  
lançar um impôsto sôbre as badaladas  
com que os sinos das igrejas atormen-  
tam os timpanos dos respectivos paro-  
quianos. A lista dos preços é muito  
variada, havendo tocadelas de luxo e  
tocadelas populares a preços reduzidos.

Um defunto de primeira classe paga  
100 pesetas se quiser que o badalo o  
ajude a entrar no outro mundo; os de  
segunda classe pagam metade e podem  
utilizar-se do mesmo badalo, e os pobres,  
por cinco pesetas, já tem direito a que  
as badaladas os empurrem para a eter-  
nidade. A Câmara desta localidade espa-  
nhola colocou os sinos e os respectivos  
badalos muito acima das orquestras sin-  
fônicas e dos espectáculos de ópera.  
sineta. E' o triunfo do badalo sôbre o  
piano de cauda.

### Faleceu o S. Pedro em Viseu

O correspondente de Viseu para o  
nosso *Janeiro*, dava-nos há dias a sen-  
sacionalíssima notícia de ter falecido o  
"S. Pedro", acrescentando que era um  
tipo muito popular, a quem, às vezes,  
uma pinga a mais, tornava um tanto  
turbulento. Perante a fatal notícia da  
morte de S. Pedro, parece-nos que  
devia estremecer tôda a humanidade  
cristã. Pois ninguém se importou com  
o caso e nem mesmo o Santo Padre,  
seu sucessor, se dignou mandar um  
cartão de pêsames!

Que o S. Pedro era um tipo popu-  
lar todos nós sabíamos, agora que o  
santo claviculário abusava da pinga é  
que foi surpresa para nós, e pedimos  
desculpa para não acreditar.

Deve haver confusão entre êle e o  
patriarca Noé com o falecimento do  
porteiro do Paraíso, já todos nós temos  
mais esperanças de entrar no céu, pois  
certamente o lugar fica de vago por  
não haver pessoa de categoria, capaz  
de cabalmente o desempenhar.

### Divórcios e carne — Mulheres e fruta

Na América — pois onde havia de ser?  
— um camarada requereu o divórcio, ale-  
gando a excessiva gordura da mulher.  
Nada mais nada menos do que cento-e-  
vinte quilos! O homem achou que era  
carne de mais e tem razão, pois se uma  
cara-metade pesa aquilo, é certo e sabido  
que, se fôsse uma cara inteira, pesaria  
240 quilos! Guerra à carne! A compa-  
nha do nosso querido amigo Dr. Amíl-  
car de Sousa vai conquistando terreno  
dia a dia, e ainda havemos de chegar à  
perfeição de nos casarmos com mulhe-  
res-melancias, mulheres-cerejas, mulhe-  
res-maçãs e mulheres-pêssegos. Dêste  
gênero de mulheres só excluimos uma:  
as mulheres-bananas. Não vá às vezes  
o feitiço...

# Um casamento à "americano"

## Os noivos — As prendas — Os convivas

Um casamento é sempre um grande acontecimento. Se não para todos, ao menos para aqueles que se vêm na necessidade de contribuir com uma lembrancinha. A's vezes, os noivos são os que menos se importam com esse acontecimento, que para eles é quasi sempre infausto.

Pois outro dia, houve cá na cidade um casamento invulgaríssimo. Casou-se uma mulher com um homem do seu agrado. Até aqui vai tudo bem; o que não vai são as circunstâncias de que esse casamento se revestiu. Vamos dar abaixo as notas recolhidas pela MARIA RITA.

### O Préstito

Magnificante de esplendor. Tomaram parte nêle, todos os carros eléctricos de lotação esgotada. O carro dos noivos levava o letreiro de *Reservado*. Os restantes iam embandeirados e com a tabuleta de «Bomfim». A entrada no templo foi cuidadosamente verificada por dois *revisores* que não deixavam entrar ninguém que não mostrasse o *passé*. Ao noivo, foi concedida a entrada sem bilhete, porque é certo e sabido que os noivos só depois de casados é que começam a pagar tudo.

As alas dos convidados eram abertas por dois *agulheiros* respeitáveis, e a entrada era dirigida por *chefes do movimento*. Dentro da sua irrepreensível fardeta, o célebre condutor Landru conduzia as alianças, ladeado pelo «Olhos de pescada» e pelo velho Santiago. Dois condutores, conduziam as abas do manto da noiva, e um guarda-freio vigiava o noivo de perto.

No final da cerimónia, o Landru botou uma fala das suas, e partiu a comitiva para o copo de água, que foi servido na residência dos pais da noiva.

### Os Brindes

Então, numa sala luxuosamente mobilada com um motivo de *linhas duplas*, começou a comezaina, e os respectivos brindes às qualidades da noiva e ao futuro do noivo.

*Palavras de um engenheiro*: Bebo à felicidade dos nubentes, que eu desejo seja tão completa como a nossa *rêde*. Faço votos para que ao noivo nunca

falte a *energia*, e à noiva a *corrente* para o amarrar a ela.

*De um chefe de movimento*: Ergo a minha taça à ventura do feliz casal, que espero faça carreiras eternamente.

Também aconselho ao noivo que chegue sempre à *tabela*, e à noiva que o não deixe descarrilar.

*De um guarda-freio*: Sinto-me feliz por assistir à partida dos dois para Bomfim. Ao noivo desejo que não dê esticões ao carro de princípio, e à noiva que não deixe entrar ninguém pela plataforma da frente.

*De um agulheiro*: Cá por mim limito-me a pedir a Deus para que ambos os dois tenham cuidado com as agulhas porque esta vida não passa de um desvio.

E em seguida falou o célebre Landru, cujo discurso era esperado com imensa ansiedade. Ele aí está:

«O' Bós que tirasteis bilhete para a Esperança, eu vos saúdo! Ao noivo que largou pra sempre da Praça da Liberdade, apresento-lhe os sentimentos. E à noiva aconselho que, se não quiser ficar espetada na Rotunda tôda a vida, obrigue o seu home a dar duas voltas no *dois com traço*.»

Foi muito aplaudido.

### As prendas

Na corbeilhe da noiva, além de imensas prendas de valor viam-se as seguintes: *Um anual em prata, um manipulo em estilo Luís XV, um alicate para fazer furos em ouro de lei, e um letreiro que deve usar por tôda a vida: Vedada ao trânsito de pedes.*

J. de A.

# No "boudoir" da Marquesa

## PÁGINA AUTOBIOGRÁFICA

Por JÚLIO MANTAS

Saí da Academia. A noite, uma beleza!  
Astros no céu... O amor dentro em meu coração...  
Que prazer, uma hora ao lado da Marquesa!  
E fui, pé ante pé, bater ao seu portão.

Abriam. Ao transpor a vasta galeria, ladeada de sofás e cadeirões de coiro, sentia-me inquieto. E a minha mão tremia franzindo o reposteiro armoriado a oiro.

Lá dentro, em seu *boudoir*, armado o *pince-nez*, a Marquesinha lia um livro de bom-tom. Brilhava, alvo e macio, o seu decote em V, orlado de *guipure* e rendas de Alençon.

— «Boa noite, Marquesa!»

— «Ó meu idolatrado!» —

Beije-lhe os dedos. Ah! que linda mão patricia!  
Depois, beije-lhe a bôca e sente-me a seu lado.  
A Marquesa curvou-se e fêz-me uma carícia.

No salão, não sei quem, dedilhava ao piano uma ária de Gluck. Ela apagou a vela.  
Batia no cristal do espelho veneziano o luar que se filtrava através da janela.

— «Marquesa! — murmurei. E ajoelhei em frente.  
Beije-lhe os pés, a perna assetinada e linda.  
Ela inquiriu: — «Que fazes, Júlio?» — simplesmente.  
Eu cofiei o bigode, — e beije mais ainda.

A Marquesa dizia: — «Ó meu querido Artista!  
Como é bom ser amada assim» — Depois calou-se...  
No salão taciturno, o ignorado pianista tocava, docemente, um minuetete doce...

# Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

V

DR. AFONSO COSTA



*Ele aí está, rijo como um pêro, ressurgido na célebre entrevista...*

*Uns consideram-no águia real; outros dizem-no um cágado, um autêntico cágado. Os nossos desejos de jornal independente são que continue a ser águia para uns e cágado para outros.*

**MARIA RITA há 50 anos**

Faz hoje precisamente meio século que no Pôrto se sentiu um frio de rachar calhaus. O termómetro registou 12 nascimentos em menos duma hora.

**CORNETA MUNDANA**

Anos

Completoou ontem 68 anos-bis, o Sr. Batalha dos Anjos Tavares, benquista e porventura bem-feitor da humanidade que sofre.

# Pôsto Médico

A Ceia dos Três da Viela dos Gatos

Aqui também se trata de comesainas e bebesainas, pois a MARIA RITA que, agora, está no Apolo, da Lisbia, a-pesar-de se fazer na terra da Tripa, sempre gosta do seu bocadinho de alface, aquela que os grilos usam e refrigera e acalma, fôlha de saúde e vitamínico teor, para arregular o bom do leitor. Não é um compêndio de culinária que aqui se vai pôr em realce, mas sim um banquete oferecido, numa tasca da Viela dos Gatos, ali, à Sé, com seu relógio aéreo e fêrrico com o aranhão, no torreão da catedral, donde se vai tirando a calça impeditiva de ver sua pêtrea arte... A MARIA RITA está tôda ufana. Requentou de chiste com ervas e carapau para o gato. Os Autores vieram de ponto em branco: Um Carvalho que é Barbosa seu perfil de janota, seu olhar vivo, dava o braço ao Arnaldo que é Leite macio e de boa procedência, todo ufano no seu chapéu encobridor daquele toutiço de genial proeminência. A' mesa senta-se o Artimanha, companheiro fabricante do compêndio e o músico que teceu a partitura da peça. A MARIA RITA aformoseou o vestuário, Saia de sêda de algodão, mantão, enrolado, da Maia, chinela na ponta do pé. Serve as tripas clássicas, vasa o pingato verdasco na caneca de cada qual. Nisto ouve-se a marcha da Aida. Ficam atônitos os convivas. MARIA RITA (que é progressiva) tinha mandado colcar entre as pipas um aparelho de telefonia... E os compassos de Verdi deram ao ambiente tom, o das notas das trombetas... Entre os caminhos e os retalhos do «folho e do coagulador», o bom feijão era comparsa de gôso *britasevarinico* e *vatêlico*. Mudou-se de serviço. Uma boa bacalhoad com *todos* e os que faltam, ainda apareceu fumegante. O Vinho era do branco, mas do Douro, côr de limão e a música era a dansa das Walkirias do Wagner que da Emissora T. S. F. se derramava, aos guinchos, elas as voadoras-deusas! E tudo foi devorado. Perdão, enaltecido e honrado. Para findar, um caldito verde muito segadinho, muito terno, em malgas com um naco de broa de Avintes. Foi a ocasião de aparecer a triste canção do Sul. Era *um* do Menano, muito a puxar a lágrima, lamecha. Era preciso honrar a Viela... dos gatos. Eles ficaram-se de prisca no canto da bôca a sorver as notas menânicas, como bons portugueses, que todos se lambem pela canção nacional. A MARIA RITA serviu-lhes, depois, um cálice da rija, da bagaceira e com ela iniciaram-se os brindes. O Rádio tocou a Marcha dos Granadeiros, ufana, retumbante, herôica como o Café, mas então surge o Guarany, do Brasil, quando o índio voga com sua ama nas águas do rio... E a moda está lançada. Ceia à Rádio na tasca da MARIA RITA, ali na Viela dos Gatos da Sé... que vai aparecer no Carlos Alberto, todo triques, todo novinho, para o povo, do povo, a favor do povo, aberto ao povo... Recordemos os discursos do companheiro Leite ao Carvalho: Bebo com alma para tua alma. Do Barbosa ao Arnaldo: A sombra da Sé nos ilumina... O Zê da Artimanha a êles ambos: Salvé Dualidade intrinseca! E o Músico destinou fazer uma Rumba, para oferecer à MARIA RITA. O grande Octávio, apareceu no fim, quando se serviu o Pôrto de Honra, com a coroa de Loiros para os autores da Viela e fêz um quadro de Honra para a MARIA RITA pendurar à cabeceira... E, assim, se levou a cabo a festa da Viela e seus mestres. Esta reportagem nas gazetas não vem. Só a presenciou a comer um bom pêro (por ter pedido ao Barbuisse do *Inferno* licença para espreitar pelo buraco da fechadura, o que nem sempre deixa a descoberto uma festa assim pacata, sem entrarem outras saias a não ser as da MARIA RITA) ...o

Dr. RACLIMA.

No meio das misérias e vaidades que constituem a vida, ainda há uma coisa honesta e dum grande alcance social — o Humorismo.

# DESCANSO SEMANAL

Hoje vai entrar na liça um novo semanário para os nossos leitores. E'

## "O Povo da Lixa"

que, como o órgão *caçiano*, também está filiado no Sindicato da Pequena Imprensa.

Começamos por um retalho da Lixa que nem para galego serve, a-pesar-de ser do fundo do jornal:

### Outôno

*Epoca de tristeza, apezar dos seus dias primaverais... porque a tristeza também tem as suas épocas.*

*Começam agora. Nascem com as inclinações da natureza e crescem até dezembro fóra, que é quando atinge o seu cumulo.*

Vejam a concordância destes verbos.

*Ainda o Nordêste vem longe já os semi-rotos sentem os arrepios:— Uns já os conhecem dos outros anos, e lembram-se perfeitamente da sua desumanidade, do seu arrebatamento furioso e mau, quando vibra o flagelo implodido que assobia sinistramente, num espaço coberto de trevas, como um sorvo imenso de agonia; outros apenas o vislumbram pelo instinto;— creanças de hontem, envolytadas na sua inconsciência, os olhos extasiados no misterio da existencia, mas dessa existencia, recebendo os primeiros ataques de sofrimento que hade cobrir-los pelo tempo alem, durante o seu caminho por esse vale, onde as lagrimas se tornam rios.*

Que frio, meus senhores, e que série de babuseiras!

Dir-se-ia que a risonha vila de Cacia deita as suas raízes por todo o nosso Portugal.

Agora uns bocadinhos de oiro que o sr. José Luiz de Almeida espalhou por um artigo de dor de cotovelo a que deu o nome de

### Ilusão de Amor! (com ponto de espantação)

A' Mademoiselle A.

*Decorridos já tantos dias que tu par-tiste, sinto-me velhinho do meu tão grande sofrêr por ti. Que tristezas e saudades cercam o meu pobre coração. Hoje mais ainda, que ha dias, eu soffro e soffro a valêr, com a tua ausencia. Vê e contempla o que é o amor.*

*Todos os dias vivo com o meu trabalho.*

De onde se prova que o amor, é a gente viver do seu trabalho. E como o coração no amor bate-que-bate, êste homem deve ser sapateiro.

*Quando ha um dia de fôlga «tôca» a gosar a vida. Mas sabes o que fiz? Sim, não deves sabêr. No domingo passei o dia a embriagar-me com cigarros «Spud» dentro da «Gentil» a olhar a tua casa.*

Que poético! Agora vamos ver para o que lhe deu a bebedeira:

*A' força de tantos cigarros eu deitava nuvens de fumo azulado, e recordação saudosa via sim, vi a tua doce imagem como cercada por uma auria de santidade, um trôno afufado de veludo e o mundo pequenino perante a magestade da tua beleza ajoelhado aos teus pés. Parei de fumar para me embriagar mais e mais nessa ILUSÃO D'AMOR.*

Arre bêbedo! Esta lembrança de pôr o mundo de joelhos ainda há-de dar que pensar ao Padre Eterno.

*Meus olhos de tanto se fixarem tinham grande ardência.*

Não devemos esquecer que o homem estava sentado, e que, portanto, era natural a ardência nos olhos.

*No torreão da Companhia tinham já caído às 4 horas. Na rua Dr. Abillo Torres grande animação. Rapazes e raparigas folgavam ao som de varios e alegres trechos musicais.*

Esta coisa das horas caírem no torreão, só em Vizela, porque esta crónica é de Vizela. Não admira, pois, a tal tal ardência dos olhos... E termina assim:

*Soffro ainda mais, e a musica que adorei, aborreço-a por fazer sair do silencio sepulcral em que me encontrava.*

E realmente foi pena, sr. José Luiz de Almeida. Se o senhor tivesse ficado para sempre embriagado, ou metido no seu silêncio sepulcral, não teria feito tanta coisa sem geito nem gramática. Verdade seja que o senhor não foi para Vizela para aprender a escrever. O mal foi outro, não foi?

Se não nos enganamos muito, êste homem deve também ser padeiro. Se calhar confunde o pão da bôca com o pão do espírito.

Agora uns versinhos do mesmo semanário. São duas quadras absolutamente quadradas a que o seu autor deu o nome de

### Prismas (não se sabe porquê)

*Mas quando é não-querer que toma  
O lugar do sentimento,  
Nunca ao coração assoma,  
Pois não-querer, é isolamento.*

*Não pode haver harmonia  
Entre os dois, nem relação:  
O querer, vive na alegria;  
O não-querer, na solidão.*

A. C.

Chama-se a isto amontoar palavras até ao total de 28 sílabas. Não dizem absolutamente nada.

Esta coisa do não-querer estar na solidão, é uma redonda mentira. Para se querer quanto menos gente melhor. E depois isto é estúpido. Então o não querer, que já de si é isolamento, como é que pode viver na solidão? Ai Jesus! O que nós não queríamos é que o sr. A. C. tivesse saído da quadra que lhe destinaram, ou então levar o seu querer ao ponto de pensar um bocadito... se lhe fôr dado pensar.

\*  
\* \*

E aqui teem V. Ex.<sup>as</sup> uma Lixa n.º 2. E' mais um que fica arquivado na MARIA RITA, *per secula seculorum*. Deus queira que não nos lixem por causa disto. Andamos tão ameaçados pelos de Cacia e pelos *gralhistas* do *Comércio de Gaia!*

## Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

*Minha mãe, minha mãe, ai que saudade imensa,  
Do tempo.....*  
(Aos Simples).

O' tia Mari'Rita,

*ai que saudade imensa  
Do tempo em que eu chorava a rir ao pé de tí!  
Caia mansa a noite: e sopeiras aos pares  
Cruzavam-se parlando em torno aos militares  
Suspensos do quartel da terra onde eu nasci!  
Era a hora em que já com as médias sopeiras  
Dormia quieto ou não o estúpido lebreu.  
Vinham-nos na «Montanha» anúncios das brejeiras,  
E a lua branca além, por entre as laranjeiras  
Tinha a forma dum cujo ou um toucinho-do-céu!  
E, mãos postas, ao pé do altear do seu regaço,  
Vendo... a lua subir, muda, alumando o espaço,  
Ele iniciava a sua extática oração  
Pedindo muito a Deus ou a um santinho bento  
Que mandasse... uma sopa a cada regimento,  
E uma estrêla... de cine a cada batalhão...*

Veio êste jacto de alta inspiração  
«A propôs» das chuvadas, que ora vêem  
Mimosear Angola, e que teem  
O dom de recordar o meu torrão.

'Stá tudo a pedir chuva, isso é verdade,  
E quanta venha, a cântaros caída,  
Ainda é pouca e muito resumida  
Porque há dela maior necessidade.

'Stá tudo a pedir chuva, isso lá 'stá,  
— Chuva grossa, daquela de rachar!  
Anda há muito pesado e negro o ar,  
Mas forma de mudar é que não há...

'Stá tudo a pedir chuva, mas Deus queira!  
Que em vez de chuva de águas p'rás valetas  
O céu não mande uma de picaretas,  
— Um pouquinho mais dura, mas certa.

Mais não te maça agora o teu sobrinho  
Fixe e afectuoso

Migue-LINHO.



### Palavras! Palavras! Palavras!

A Guerra!

Eis aqui um assunto que apavora MARIA RITA, usualmente bonacheirona e reinadia!

Como rir de uma tragédia, sem que nos afastemos do bom e sadio critério do verdadeiro riso?

Não ignoram os nossos leitores, por tôdas as razões e mais a de não serem efectivamente ignorantes, que a *Guerra*, êsse monstro que Briand pretendeu encantar com as suas tiradas de pacifista, arreganha por tôda a parte a dentuça.

A *Sociedade das Nações*, em crise como tôdas as sociedades de responsabilidade ilimitada, mete a tal respeito água por todos os lados, impotente para fugir ao naufrágio absoluto.

O lugar de Briand, o Briand primário e ignaro do Sr. Ameal, está hoje ocupado pelo não menos primário Boncour, que, no dizer dos inimigos do liberalismo, não passa de uma grafonola velha e roufenha em que giram sempre os mesmos estafados discos.

Cruzam-se as *blagues* mais sangrentas; entrechocam-se as maiores violências, e, afinal, o que há de positivo é que a *Guerra* continua a assustar o mundo, com as suas fauces abertas.

Tristezas para trás das costas, caríssimos leitores, e vá de fazer um inqueritozinho aqui por êste Pôrto das tripas com feijão branco.

### Se a guerra vier

Se a guerra vier...

E' o *mot d'ordre* dêste inquerito jornalístico.

# A GUERRA

## Inquerito oportuno—Que pensa e faz V. Ex.<sup>a</sup> se vier uma nova Guerra?

Se a guerra vier, o que pensa e o que faz V. Ex.<sup>a</sup>?

### Opinião abalizada de um merceeiro quási arruinado

A encetar o nosso trabalhinho jornalístico, que é um autêntico trabalhinho à pena, fomos procurar o nosso particular inimigo Pantaleão Sem Alma, malquistado *guenociante* de sêcos e molhados da nossa praça, o qual é também, não desfazendo nos outros, uma rica praça.

Sua Insolência *arreceve-nos* com o palito ao canto da bôca, arrotando autênticas postas de pescada, que efectivamente (grandesíssimo malandrão-síssimo!) acabara de comer no seu pingue e farto almôço.

—Ah! *bocê* é dos jornais? Muito que vem! E a que bem? O qu'ê que *bocê* quer da minha importante *personage*?

—O meu jornal deseja que Vossa Insolência le diga o que é que *pensa* e o que é que faz, no caso de haver nova guerra.

—Olhe, a *vem dezer*, eu cá, pensar, hei de pensar tanto como no tempo de paz. Uma pessoa p'ra ser feliz não pode pensar. Inda outro dia morreu um colega meu, *guenociante dos bôs*, só pro mor de se pôr a pensar. A falta da *haviação* é qu'o matou! Portanto, à *primeira inquisição* do seu inquerito não tenho qu'arresponder directamente.

—Mas o que faz, se vier uma nova guerra?—interveio o sagaz repórter.

—O que faço? Essa agora está *vem voa!* Faço o meu *negoco* e já não faço pouco. Pois atão?! *Bendo* o velho por novo; o mau por bom, e *arrecevo*, *arrecevo*, *arrecevo*, intê os governos de tôdas as nações *incebellizadas*, m'ade condecorarem com as incomendas de tôdas as grã-cruzes!

Pois comê?!

O' *bocê* pensa qu'eu sou mais indigno qu'os que andam por i c'o as lapelas tôdas incomendadas?

### Depõe um proprietário de "cabarets"

O nosso segundo entrevistado, é o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Não Dobra a Espinha y Vive Contente, proprietário arruinado de alguns *cabarets*, que nem por estarem há muito selados são *valores declarados*.

E' um tipo; um tipão, é que êle é! Magro, monóculo entalado na órbita, as repas apartadas ao meio, empapadas de brilhantina, os olhos nostálgicos e um buço zito estilizado, à cinéfilo.

Sua Excelência, que não tem onde receber-nos, conversa connosco à mesa do Café Excelsior, que é para êle uma espécie de Alfarelos, onde, *spleenético*, espera o combóio da Felicidade...

—Olhe, amigo jornalista: a *Guerra* é um jôgo de azar como outro qualquer. Como na roleta, no *bucarat*, na banca francesa, no monte, arrasta os inocentes para a perdição...

Mas a verdade é que a gente, sem jôgo, não pode viver.

Eu tive que fechar as portas dos meus oito *cabarets* por falta de jôgo.

—Mas o que pensa e faz V. Ex.<sup>a</sup> se vier uma nova guerra?

—Penso imediatamente em abrir os meus oito *cabarets*... Depois, depois, faço o meu jôgo, exactamente como o merceeiro da esquina.

E hei-de ganhar, tenho a certeza disso, porque eu só não ganho quando não jôgo.

### Fala a Micas da Coca...

—Ai, filho, tu és dessa grandesíssima chatice das gazetas?!

Trarás tu por aí um bocadinho daquela coisa?

Honestamente, gravemente, respondemos que não éramos dêsses...

—Então o que é que tu queres, ó pá?!—Disse ela, com a pronúncia acentuadamente lisboeta.

—O' menina, eu quero que tu... (aqui teve o jornalista um ataque de tosse). Eu quero que tu me digas o que pensas e o que fazes no caso de vir uma nova guerra.

A Micas da Coca, olhos exoftálmicos, com trémulos na voz, enroscada no seu casaco de peles, ergue-se lentamente do sofá...

—O quê? Sempre é certo, então? Uma nova guerra!!! Uma nova guerra!!!

E, alucinada, como que em deslumbramento:

—Guerra! E' a coca, filhinho! A riquíssima coca, a minha alegria, a minha felicidade!...

Agita-se numa tremura e cerra os olhos.

—O que penso?! O que farei?!

Compro coca, dessedento-me, embriago-me, e, bom Deus!—Como o dono dos *cabarets*, como o merceeiro da esquina—faço o meu jôgo e o meu negócio!

### O que diz um padre

—Meu amigo: a guerra dilata os impérios, e, *ipso facto*, há-de dilatar a Fé!

E o jornalista não quis ouvir mais, deixando a sua reverência a opinião de que é, efectivamente, uma questão de *fê de mais ou fê de menos*...

### O que diz um canhão

—Sou feia, bem no sei, mas se a guerra vier eu hei-de ir como as mais... Nessa altura o que se quer é *material*, venha êle de onde vier.

### O que dizem dois...

—E *duques!*

### O que não-de dizer os que não forem à Guerra

—Nós, os que não fizemos a guerra, estamos cansados de não lutar... Somos as maiores vítimas afinal, porque as outras sempre se distraíram.

Só servimos para enriquecer o Wenceslau Fernandes Flores com mais uma edição monumental e o Fraga Lamesas que editou a tradução.

### Epílogo

Regressarão às suas pátrias, dizimados, exaustos, todos os exércitos em luta.



### O selo da verdade

No Pôrto, o Dr. Alberto Aguiar Bisneto fundará a *Casa dos Bisnetos dos Soldados*.

Em Lisboa, o Dr. Hernâni Cidade Tetranelo discursará na inauguração da *Liga dos Tetranelos dos Combatentes da Grande Guerra* e os teus tetranelos leitor, hão-de ler, pasmados, o humorismo dos tetranelos da MARIA RITA.

\*

E Judas, cofiando a barbicha pontaguda, contemplará a oliveira, não para se enforçar, mas para a reduzir a táboas que dêem um bom e seguro balcão.

E a novíssima era de um novíssimo progresso, despontará enfim no negro horizonte da pobre humanidade.

Nessa altura, MARIA RITA, que nasceu para morrer a rir, há-de estoirar de indignação...

Sob as cinzas de um jornal humorístico, nascerá um jornal trágico, o único que terá condições para fazer estoirar de riso as sociedades de êsse tempo.

Até lá, porém, nada de afligir, caros leitores.

Entre mortos e feridos alguém há-de escapar... se Deus lhe der vida e saúde até à hora da morte.



O orador—De nós todos que pensa melhor é o burro





# A MELHOR QUE EU SEI

## Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 9.

N.º 10

Seguia um cavalheiro pela rua fora quando uma senhora muito bem trajada lhe perguntou as horas que eram?

E o dito cavalheiro muito delicadamente lhe disse que eram 3 horas.

— Bem muito obrigado, mas se não lhe custar muito dizia-me o resto. É que eu queria saber se são 3 horas da tarde ou da manhã.

Remetente: Seugirdor.

N.º 11

Certo sujeito, muito mal vestido, montava num soberbo cavalo, do qual se apeou à entrada de uma aldeia, juntando-se logo muito povo e vindo da exótica figura do mal arranjado cavaleiro.

Um gracejador, acercou-se dele e perguntou com grande gáudio da multidão:

— Olá camarada! como vende você a arrôba de cavalo?

O atingido pela piada, ergueu o rabo da cavalgadura, e respondeu:

— Entre na loja e pergunte aos caixeiros.

Remetente: M. de Oliveira.

N.º 12

Realizava-se na aldeia o funeral dum importante capitalista, e como o acompanhamento atingisse uma imponente nunca vista no local, chamou a atenção dum individuo que acidentalmente se encontrava ali.

Mordido pela curiosidade dirigiu-se a um dos que acompanhava o préstito e perguntou-lhe com certo interesse: — quem é o falecido?

O interpelado responde: — é o que vai dentro do caixão!

Remetente: Barandela.

N.º 13

— Esteve ontem à noite no teatro, minha senhora?

— Não estive; sentia-me cansada e meti-me na cama às nove horas.

— E estava lá muita gente?

Remetente: João Beleza II.

N.º 14

Staline, o ditador russo, afogar-se-ia infalivelmente, quando se banhava no Dnieper, se não fôsse a providencial ajuda daquele campônio que, lançando-se generosamente à água, o rebocou até à margem, são e salvo. Reconhecido, Staline (apesar de não ser muito honroso « pôrem a gente à margem... ») disse ao oportuno salvador:

— Salvaste a existência ao mais poderoso e

nifluente de todos os homens! Pede, pois, o que queiras. Ser-te-á concedido, à fé de Staline!

— O quê?! — gaguejou, assombrado o rústico — O senhor é Staline?!

— Em carne e ósso e à pai Adão! Formula'o teu pedido. —

— Pois bem, camarada. Só lhe peço uma coisa, pela alma do Plano Quinquenal! E... que não diga a ninguém que fui eu quem o salvou! —

Remetente: Rovial.

N.º 15

Entre dois comerciantes discutiam-se as vantagens do maravilhoso invento da T. S. F. Dizia um:

— Pois meu amigo; eu cá por mim penso que a T. S. F. há-de substituir todos os restantes meios de propaganda. E os jornais diários hão-de desaparecer por força, porque a T. S. F. os substitue com vantagem.

— Pois sim, responde o outro, será tudo como diz; mas inda me hei-de rir como um perdido, quando você quiser embrulhar um quilo de sabão na T. S. F.

Remetente: Cagancho.

N.º 16

Um bebedor famoso que nunca na sua vida tinha bebido água, quando estava para morrer pediu um grande jarro cheio do precioso liquido incolor, e disse:

— Sempre ouvi dizer que na hora da morte, a gente deve reconciliar-se com os seus inimigos.

Remetente: Horácio Ferreira.

N.º 17

A mamã repreende Chiquinho, porque êle tem o feio costume de lhe pedir para ir à privada, diante seja de quem fór. Quando o menino quiser fazer isso, diz ela, diga que quer ir ao jardim colher uma flor, que eu já sei para o que é.

Um dia em que havia visitas de cerimónia, chega Chiquinho à sala e diz: — Mamã! Quero ir ao jardim colher uma flor; por isso dê-me cá um papel para me limpar... —

Remetente: Zé Barão.

N.º 18

Em 1585 Filipe II mandou o jovem Condestável de Castela, a Roma para felicitar Sixto V pela sua elevação.

Este papa descontente de lhe terem mandado um embaixador tão novo, não pôde deixar de lhe dizer:

— Como é isto? Seu amo carece de Homens para me mandar um embaixador sem barba?

— Se o meu soberano pensasse, lhe replicou o embaixador, que o merecimento consistia na

barba, ter-vos-ia mandado um bode, e não um fidalgo como eu.

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 19

Ao criado de um capitão reformado pergunta um amigo deste:

— Como está o teu amo?

— Mal, muito mal! Tem reumatismo na perna de pau, dores nos dentes postiços e uma inflamação no olho de vidro; e se os cabelos do chinó continuam assim a cair-lhe, dentro em pouco está careca!...

Remetente: Zé Maria.

N.º 20

Estavam dois sujeitos de estatura muito baixa à porta de um café:

Um deles vendo passar um sujeito muito alto, o qual ostentava sobre a cabeça um chapéu relativamente pequeno, diz ao companheiro:

— Repara no chapéu daquele tipo...

— Que tem?

— Não notas a sua pequenez? Olha para aquelas abas! Um chapéu pequeníssimo...

— Estás tólo; é de tamanho razoável. Nós, cá de baixo é que o vemos pequenino, devido à grande altura em que vai.

Remetente: Olegna.

N.º 21

Certo lavrador duma aldeola francesa tinha um rico bode, forte e sadio e que era o pai de muitas gerações «cabralescas»...

A clientela abundava — donzelas e matronas. O nosso Bode procriador estava sempre de consultório aberto e sempre condescendente...

As tubas da fama sopraram aos quatro ventos e tóda a comuna ali acorria. Mestre Bode era incansável e para não negar os seus serviços trabalhava noite e dia.

Um dia o *Maire* propôs ao lavrador a venda do Bode, certo de fazer a riqueza da *Mairie*. Ameaçou com a expropriação... e la se foi o Bode para as suas novas instalações na *Mairie*, luxuosas, cómodas, apetecíveis para o mais exigente Capricórnio.

Vieram os clientes. No primeiro dia nada; no segundo idem; no terceiro ibidem; no quarto, aspas e etc., etc.

Era uma desolação nas repartições... Reuniu o Conselho, e em resultado da deliberação tomada avançaram os magnates até ao curral.

O *Maire* cumprimenta e diz:

— Senhor Bode; isto assim não pode ser — é a ruína da *Mairie*.

— Senhor *Maire*; tenha paciência. Agora sou funcionário público e só trabalho quando me apetece.

Remetente: José Silvino.

# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

A estação teatral vai animadíssima. Animadíssima. No Teatro Nacional a grande Adalina Abranches, — um vulcão de talento numa cadeia — representa *D. Formiga*; é uma peça dos Quintos. Das melhores? Cuido que não. Mas êles não tem peças piores... Ou, se preferes, as piores ainda são das melhores que aparecem no mercado. Além disso, uma peça interpretada por Adelino Abranches, Palmira Bastos e Amélia Rey Colaço, — nunca pode ser uma peça má. *D. Formiga* está, pois, em pleno êxito. Um êxito tão grande, tão verdadeiro, que até o Dr. Afonso Costa, informado em Paris de que a *D. Formiga* estava a ser aplaudidíssima em Lisboa, se comoveu. Ele conheceu-o como ninguém, nos tempos em que ela vendia laranjinas, e não tinha *Dom*. Agora, para matar saudades, botou discurso no *Notícias*, sem órgão. Um discurso lindo. Uma peça de oratória comovente. Um reclamo estuando à peça do Teatro Nacional...

No Trindade, uma nova companhia. Lucília Simões - Aura Abranches. Dois grandes nomes do teatro português, — que têm esta singularidade comum: — valerem muitíssimo, por si próprios, e pelos nomes imortais de que são o prolongamento.

A peça com que se estrearam é uma linda peça brasileira: — *O Feitiço*, de Oduvaldo Viana. O nome arpeja um bocado. Parece uma história trágica. Mas não é. Escusas de fazer figas. O feitiço, neste caso, é o Erico Braga. E o *Feitiço* é tão genuinamente bom, que não se voltou contra êle. Pelo contrário. Deu-lhe sorte. Fê-lo brilhar. Reconciliou com êle os que com êle se tinham amuado quando o viram nas *Areias de Portugal*...

No *Apolo*, está tu, *Maria Rita*. Ainda não te fui ver, mos todos dizem que tens um piadão, e eu acredito. Ester Leão e Auzenda de Oliveira, — duas «estrélas» de diversos universos — são as tuas mãis; e os teus pais são João Bastos e Felix Bermudes. Estes dois ilustres escritores, que durante muitos anos almoçaram e jantaram sempre no restaurante «Irmãos Unidos», resolveram, por alturas do Estatuto da Catalunha, (mas com muito mais macieza do que o Maciá) proclamar também cada qual a sua independência. Felix Bermudes consagra muita da sua actividade à Sociedade de Autores; não poderia trabalhar para o teatro acompanhando o ritmo de produção de João Bastos. Este, tem tantas peças em cena, e tantas na forja, que brevemente passará a assinar-se João dos Bastos, abreviatura do seu verdadeiro nome: — João dos Originais Muito Bastos.

A sua peça *O Escorpião*, que Maria Matos implantou no Avenida, ainda dura. Arranjou-lhe um nome de constelação; e o certo é que as suas representações atingem números astronómicos...

No Parque Mayer, a dois passos do *Capitão*, a farça *«Desculpa, ó Caetano»* continua firme como a rocha Tarpeia. E promete durar, durar, até que tenham de chamar-lhe: — *«Mil desculpas, ó Caetano.»* Nessa altura já o Caetano deve ter um *Rols*, — êle que começou por não ter para o *Rol* da mercearia. E desculpa tudo quanto quiseram que êle desculpa...

As *Areias de Portugal*, no Politeama, pegaram de estaca. Para quem duvidava das prosperidades construídas sobre areia, foi uma boa lição. E a verdade é que, por um quadro só, valeriam elas quantos valem: — *«O Fado»*, admirável bailado do admirável Francis.

Se depois disto ainda houver quem tenha o decôco de te falar em crise, fazes favor de dizer a êsse alguém, da minha parte, que mente com quantos dentes tem na boca do estômago.

Em Portugal não há crise. São lérias. E' o chorão que o nosso eterno pessimismo arranjou; a válvula por onde sopra o vapor das muitas atmosferas da nossa melancolia. E' uma palavra nova, que veio em parte substituir a saúde. Até a empresa já o povo, lá na minha aldeia, transformada em *cris*. (Podem os lexicógrafos fiar-se em mim). Ainda há pouco, numa visita melancólica a uma horta que fizera a greve das fôlhas caídas, o meu feitor me declarou com sisudez e profundidade: — «Este ano vai um grande *cris* nos rabanêtes.»

Onde tudo está doido, mas doido varrido, é na América. Há dias, li um comunicado de uma agência em que se declarava que estavam tomando grande incremento as trocas «em espécie». Quer dizer, uma pessoa vai ao barbeiro e paga-lhe com 1 quilo de batatas e umas cuecas em estado de novas; — se fôr careca, escusa de dar as cuecas. Um bilhete de carro eléctrico deve vir as custar uns trinta-e-cinco feijões e meio; as consultas dos médicos oftalmologistas, já se sabe, são sempre um pau por um ôlo. Enfim, um nunca acabar de quadros de revista.

Como se isto não bastasse, um empresário não sei de onde, mas que deve ser de Chicago, deliberou converter o *Cyrano* numa opereta, com parêlhas de *girls* e juntas de *boys*; e tudo por música. Protestam em França, junto do Embaixador Americano, a linda Rosemonde Gérard, viúva de Edmond Rostand, e os dois filhos, Jean Rostand, (que escreveu um livro muito pessimista a respeito do casamento) e Maurice Rostand, que tem muito talento, mas é líri.

Nada valerá.

Cyrano será uma opereta, — e é capaz de dar, com acompanhamentos de berimbau, o que já não dá, na singela beleza dos seus versos: — recitas

da bilheteira. Ora, como tu sabes, a bilheteira é uma eterna doente; — sempre à espera de recitas.

Na altura em que Cyrano, batendo-se em duelo, diz: — *«A' la fin de l'envoi, je touche»*, ou seja, em versão livre: — «No fim da glosa, caio a fundo,» — a música deve ser muito mais sugestiva do que é costume. Enfim... Percalços da vida. Ninguém sabe ao que chega. Aqui, em Lisboa, amotina-se a povoação por causa do casamento de uma velha das cautelas, — que por mais cautelas que tenha não consegue casar sem ondas de curiosos a espia-la. No outro mundo, deve erguer-se um borborinho igual quando constar, por todo o Empírio, que o cidadão Cyrano de Bergerac vai ser casado à força com a filha da Senhora Angot. E talvez sejam muito felizes...

Dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



## Desabafos...

Dize cá MARIA RITA:

Porque é que no teu concurso,  
Linda figura uns fizeram  
Só eu fiz figura d'urso?!

Nem mesmo à quinta partida  
Um prémio pude tirar;  
Quería ao menos um livro...  
— Fiquei no dedo a chuchar!

Estou p'ra ver este agora  
— O tal da «Nota do Banco»  
Ou tu me caís com dinheiro  
Ou então eu te desanco.

MARIA RITA, desculpa  
A expressão supra, tão forte;  
Não vês que são desabafos  
Daquelles que não tem sorte?!

SEPOL.

## CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos  
Mexilhão.

Carlos Alberto: Premiere da peça de  
costumes tripeiros *A Viela dos Gatos*.

Aguia d'Ouro: O filme *Anny no Circo*.

Rivolti: O filme *Anny na Escola*.

Olimpia: O fono-filme *O Filho Pródigo*.

Trindade: O filme *Um Sonho Dourado*.

Batalha: Os filmes *Dinamite e Caprichos*.

## Associação Profissional dos Estudantes de Medicina

Vários leitores, mais ou menos assíduos e aciculados de esta formosíssima e briosa secção se nos teem dirigido, pedindo-nos a nossa modesta mas decisiva opinião sobre a propriedade do título que encima este notabilíssimo artigo de fundo.

Não percebem, ao que parece, as alminhas santas dos nossos leitores, porque raio é que os estudantes fundaram uma associação sob a fantástica rubrica de — Associação Profissional de Estudantes!

Tem razão.

Nós, melhor fadados para a clara compreensão das coisas inacreditavelmente incompreensíveis, vamos tentar no presente artigo uma explicação interpretativa sobre a originalíssima designação da referida Associação.

E seremos breves ou mesmo semi-breves, se o leitor não odeia a música. Associação Profissional dos Estudantes de Medicina, quere dizer, salvo melhor opinião em contrário, que os estudantes não desejam deixar de o ser nem que os matem.

Até aqui, estudava-se para conseguir uma profissão. Neste luminoso século, descobriu-se que não valia a pena estar com essas estopadas e vá de considerar o estudante como um *professional*...

Os pais, é que não gostarão muito da coisa; mas que tenham paciência e se consolem na certeza de ver formar os netos antes de ver formar os filhos.

E' provável que o leitor não tenha ainda percebido tão claramente como desejara, mas a verdade é que nós não explicaríamos melhor, por mais voltas que dêssemos ao bestunto.

Só resta que em lógica réplica os Senhores Professores se associem sob a rubrica de — Associação Amadorista dos Professores.

Ficará então, e só então, a coisa completa.

Damião de Góis JÚNIOR.

## Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

VI

### A sôlha

(*Tabefis maritimus*)

Lyneu

*Aparentada ainda com borrachos, bananos, tabefes, trolhas e estalos, a sôlha, dando-se perfeitamente no mar, dá-se também nas trombas de certos fracos de que a História, que nem por isso é muito católica, não reza.*

*A' classificação pobríssima de Lyneu — tabefis maritimus, acrescentarei o parasufixo nominativo esdrúxulo — trombilis, pelo que estudaremos de hoje em diante este grandessíssimo animal sob a classificação de — tabefis maritimus trombilis.*

*A sôlha é sogra do linguado, pelo que o linguado é um peixe extremamente infeliz, visto que as sogras, tanto no mar, como no céu, como na terra, são animais indomesticáveis que só nasceram para a infelicidade dos prozodrios conhecidos por — genros.*

*Devo rectificar,*

*Só há sogras na terra e no mar. Felizmente, no céu, não há disso, O céu com sogras toma o nome de inferno.*

*A sôlha serve para comer e beber.*

*E' claro que comer um par de sôlhas não é o mesmo que bebê-las.*

*As sôlhas de comer são para os homens, Os que bebem duas sôlhas (no geral as sôlhas bebem-se aos pares) se não são gatos, convertem-se em gatos rapidamente.*

*Com efeito, é frequente ouvir dizer:*

*— Bebes duas sôlhas que intè mias!*

*Ora, quem mia é gato ou gata, codorio erat demonstrandun, para todos os efeitos, purgativos ou não.*

### Zoopirotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

## Livros recomendados pela MARIA RITA

«O meu relatório, sobre o ensino secundário».

Abílio Barreiro.

«As minhas porcárias».

Almeida Garret,  
Prof. de Higiene.

«O meu poço».

Castro Portugal.

«A arte e a laracha na cirurgia».

Morais Frias.

«As hemorróides ao serviço da Engenharia».

Tomaz Dias.

«Eu e o cavalo».

Prof. Ascenção.

## Elegâncias académicas

Por comunicação enviada aos jornais pelo chefe do protocolo universitário, Dr. Tomaz Pessoa, ficamos a saber que o jovem sábio antropófago Dr. Ruy de Serpa foi à Itália representar todos os antropopitecus universitários num congresso antropológico que lá se vai realizar.

O nosso representante apresentará um trabalho do velho sábio Mendes Correia intitulado: «O lascamento do calhau no período da pedra lascada».

O Dr. Alvaro Machado, catedrático por distinção, vai publicar um novo livro, cujo título será: «Pode ser catedrático um homem que gagueja a ler, a falar e a... escrever?»

Partiu para Nice, onde vai estudar a influência do calor nas águas e nos corpos, um notável catedrático da Universidade do Pôrto, de quem não publicamos o nome para não ferir a modéstia dêsse ilustre homem de ciência.





### Quem é?

Digam, digam por favor  
 Quem no palco tem valor  
 E faz rir o mundo inteiro?  
 Quando está a representar  
 Fica a gente a duvidar  
 Se êle é homem, se é pinheiro!

Se êle fôsse p'ra os anjinhos,  
 O caixão, rapaziada,  
 Tinha de ser um túnel  
 Dos maiores lá da Bairrada!...

(Aveiro).

Zé MENES.

Decifração do número anterior: *Quem é?* Homem Cristo.

*Matadores:* Satiéf ed Miled, Alvacarso, Fantasma Negro, Monteiros I e II, Sepol, Oinotna, João da Sé, Lizé, Zé Barão, Octávia Maria, Kika, Rofeu, Venâncio da Praça, Seugirdor, Cirrado, Reirobi, Abd-el-Krim.

### Cancioneiro amoroso

I

*Tens qualidades tamanhas  
 Que, se tu me pertenceses  
 Punha-te a vender castanhas  
 Até que te aborrecesses!...*

II

*Ainda que tu te enerves,  
 Direi até que se oiça:  
 E's tão linda que não serves  
 Nem para esfregão da loiça...*

III

*Tuas pernas magricelas  
 São duas vigas de andaime;  
 Tens dentes como as cadelas  
 'Stás mesmo a pedir açaimo...*

IV

*Bem educada, bonita,  
 Chamam-te assim, mas por troça,  
 Tu ficas bem, acredita,  
 Aos varais duma carroça!...*

V

*Para que o mundo te gabe  
 Dizes ter muito dinheiro,  
 Mas p'ra quê? Se tudo sabe  
 Que és filha d'um aguadeiro!...*

José ALVES.

NAS

### Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,  
 todos os artigos teem um  
 cunho parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE



### Um amigo teatrófilo

O Pantaleão Ancestral é um cavalheiro agarrado às tábuas do passado, prêso a velharias arcaicas, um autêntico «bota de elástico» que ainda se interessa por coisas de teatro, comenta peças, discute actores, e, quando pode e tem dinheiro, vai ceiar com coristas que muito o apreciam, enfatiadas de lidarem com os cinéfilos anfíbios e assás correlativos.

Ora o nosso Ancestral, abordou dois interessantes assuntos, e desabafou sobre «direitos de autor» e o «ponto dos teatros».

\* \*

— «Há por aí alminhas bem intencionadas, — principiou o amigo Pantaleão, — que invejam os autores dramáticos só pelo desaforo dêles ganharem rios de dinheiro.

E, realmente, teem razão.

Os direitos em Portugal são pagos com generosidade, quasi perdulárimamente. As peças, como V. sabe, dão milhares de representações, não só em Lisboa e Pôrto, como nas restantes cidades do País, onde, como tôda a gente conhece, funcionam durante a época excelentes companhias!

Depois temos as «tournées» pelo estrangeiro — Espanha, França, Inglaterra, etc. — onde todos os anos se representam originaes portugueses, às centenas, que veem, traduzidos em escudos, abarrotar as algibeiras dos simpáticos e opulentos autores portugueses.

Como se isto não bastasse, ainda temos as peças nacionais que são verdadeiras para diversos idiomas — é raro o original português que não esteja traduzido! — cujos direitos de tradução veem engrossar as recheiadas bôlsas dos nossos escritores teatraes.

Assim não admira que êles estejam podres de ricos!»

\* \*

O Pantaleão Ancestral sorriu-se, piscou um ôlho e falou desta maneira sobre os ignorados Pontos de teatro!

«— O Ponto! O infeliz Ponto!

Muleta carinhosa e solícita de todo o artista, desde o génio ao canastrão!

Pobre bode expiatório de tôdas as asneiras que o actor pronuncia em cena!

Desgraçado pião das nicas que agüenta sempre com o papel de cri-

minoso, quando alguma peça é cobardemente assassinada!

Se qualquer artista diz uma frase que pertencia a outro, a culpa é do Ponto! Se se engana, é o Ponto o culpado!» diz: «dá um malvado nesse tiro!» — ainda a culpa é do Ponto, e é êle e sempre êle o eterno cabeça de turco!

Todos atiram as responsabilidades para cima do modesto trabalhador, que — agachado, encolhido, esmagado de baixo da cúpula, — com paciência e resignação evangélica, lá vai esfolando aquele miserável ordenado, uns miserros cobres que mal chegam para morrer de fome.

Ninguém o conhece, ninguém o estima. E' o corneta do grande e indisciplinado batalhão teatral. Mas quantas vezes depende dêsse corneta o sucesso da batalha.

Só tem uma coisa a favor dêle. E' a reforma duma física galopante ou de um reumatismo crónico, aumentado com os emolumentos da miséria.»

E mais não disse o teatrófilo Pantaleão Ancestral.

LEIDOAR.



### MARIA RITA

#### e a ourivesaria Portuguesa

O nosso director José d'Artimanha, foi alvo duma cativante gentileza por parte da conhecida firma, F. de Oliveira Sampaio, Filhos, com grandes oficinas de ouro e prata à Rua do Sol desta cidade.

Oferta cativante já pelo seu valor intrínseco, já pela delicadeza da ideia, obriga êste nosso director a desmacarar publicamente a modestia dos três irmãos artistas e amigos sinceros da MARIA RITA.

E' um alfinete de gravata representando, em ouro, a cabeça da nossa velhota tão perfeito de cinzeladura e tão minucioso de pormenores que o nosso Octávio nada teve que objectar. O lenço é em rosas e as pintas vermelhas em pequeninos rubins. Um verdadeiro mimo e uma pequenina obra de arte, que o Artimanha agradece sensibilizado.

A cada um, uma beijoca da MARIA RITA que promete doravante mandar lá executar tôdas as suas jóias.



## Domingo, tantos de tal...

A MARIA RITA é um jornal pobre. Como tal, não pode ter dois delegados escrevinhadores a postos cada Domingo. Assim o compreenderam também os ilustres directores da Associação de Foot-Ball do Pôrto, concedendo um cartão apenas de livre trânsito para o nosso semanário. Desta forma, e tomando em conta a maneira como foi resolvido o campeonato deste ano, é-nos impossível relatar todos os desafios de cada Domingo.

Pode ser que seja muito mais proveitosa e desportiva esta trapalhada de agora; para nós só nos parece que no final dá um saco de batatas, e deixa a gente sem ver um único desafio que geito tenha. Dá-nos a impressão de um *match* de *box* em que fôssem contendores um pesado e um pêso pluma. Teremos nós razão? Tê-la-á a douta Associação? Pouco nos importa; mas o que sabemos ao certo é que há muito desportista que se está desinteressando do foot-ball.

E agora vamos lá ao que vimos.

### Pôrto-Leixões

Mais um cabaz de sardinhas para os rapazes da beira-mar. Nove a Zero!!!... E não foi assim uma grande vergonha, porque se o desafio se prolongasse um bocadinho, o Pôrto tinha de jogar sozinho.

Quando devia começar o desafio estavam onze homens de cada lado e nenhum árbitro.

Um quarto de hora depois — isto em desporto quer dizer meia hora e cinco — lá pescaram um, que ia servir de *lineman*, e lançaram-no às feras.

Soubemos depois que era um árbitro cinzelado a capricho, um árbitro doirado, que puxava pelo apito com tal força que parecia bufar a um maçarico.

Começou. Pouco depois o Leixões tinha só dez homens e o Gesteira, com a cabeça partida e ligada parecia ter um capacete de *rugby*.

Um *goal*, dois, três, quatro *goals* e um homem do Leixões a berrar como um coelho. Final da primeira parte.

No intervalo o árbitro foi muito cumprimentado por parte da classe de ourivesaria e pelos representantes da contrastaria de Gondomar.

Quando começou a segunda parte, o Sciska mandou comprar a MARIA RITA e pediu uma cadeira. A Cruz Vermelha veio toda para o lado do Leixões. E começou uma exibição de pontapés ao *goal* do Gesteira, que não teve um minuto de sossêgo. O Walde-

mar teimava em mandá-los por cima da rêde. Novamente se ouviram gritos no campo. Era outro homem do Leixões que saía magoado.

Quando o Pinga deu por ela, disse ao Nunes:

— Olha que só estão nove homens!

E o Nunes julgando que era aos *goals* que êle se referia pregou um tiro de tal força, que o pai, nas bancadas se abraçou, a chorar, ao Maurício.

E foram nove realmente os pontos marcados, e talvez mais ainda os pontos naturais. No final do desafio entrevistamos o árbitro.

Aí fica o que êle disse:

— Não há dúvida que quem souber que se magoaram tantos homens em campo, há-de julgar que o jôgo esteve duro. Mas não. Foi um *contraste*. Eu quando arbitro não *brinco*. Quando um árbitro brinca não se *salva*.

O Pôrto fechou o Leixões num *anel* de ferro. Os rapazes do Pôrto foram *brilhantes*, os do Leixões levaram a sua *cruz* ao calvário.

E deixamo-lo a falar com os seus *botões*...

Zé das BOTAS.

## Inquirónica

## di o Braziu

Ao incomêça estas minha inquirónica di o Braziu para o grandi quotidiano sêmánal qui si chama MARIA RITA, saúdo nas pêssôas di os seus illustre directô, seu Barboza, seu Leite, seu Artimanha e seu Sergio, a négrada safada qui está fazendo estoirá di riso a assaz citada Dona MARIA RITA, qui tôdo o pêssôal aqui no Braziu jurgava qui tinha morrido a ri, mais qui afiná rêsuscitou agora, tal como outrora no cârvario o mártir Nazarêno Nosso Sinhô Jazu Cristo, qui tinha sido prégado em riba di a cruz, mêmo pégado aos dois ladrão.

E rêciprocamente, não obstante, dêstêjo estendê as minha saúdação e incumprimento ao Dr. Campos Monteiro, êsse dánado barbado qui pôs o sol em a moleirinha di seu Fernando di Souza, êsse pêrigoso cantô qui lá por tê uma *Voz* como outra quarqué, jurga qui ha di cantar toda a vida intê à hora da morte, amem Jazu, Maria José.

Por as banda di cá tudo dêcorre sem novidade.

Seu Gêtúlio tá a ficá bêsta com as política di cavação. Ele botou fora o Vaxintão Luiz, porque

## Posta restante

J. Beleza — Fica V. S.<sup>a</sup> considerado nosso assinante durante dez números. Muito obrigado.

Rutra Luar — Veio tarde a glosa. Já há muito sentiamos a sua falta. Torne a aparecer confiadamente. A MARIA RITA é de todos os seus amigos. A anedota, não o consegue ser. E' pena.

J. L. Santos, Vila Real — Realmente foi assim mesmo. E êsse êrro obrigou-nos a substituir o envelope.

Henrique J. Teixeira — Foi esquecimento. Nesse número os tipógrafos brincaram connosco.

Luigi Morelli — Sempre tarde e más horas. Serão os correios, ou o seu calendário?

A. C. Lourenço Marques — Muitíssimo grato. Pode mandar o que quiser, desde que seja dentro da nossa característica. Os jornais seguiram como desejava.

Scalabitano — Apite que nós gostamos.

José Correia da Silva — Ingênuo de mais. Mande outra.

Toninha da Porca — O diabo do seu pseudónimo pôs a anedota do mesmo género. Venham outras.

Coração de Pedra — E' triste, e nós gostamos de rir. Outras...

Um tripeiro — Já cá estava outra igual.

Henrique Ferreira — Não-se-lhe dar as voltinhas.

Lérias — Recebemos; o soneto de ourivesaria, não virá a lume. Tenha paciência.

Rei dos Nabos — Não vimos o jornal, senão... Tenha paciência e mande-nos os recortes. Não perdoamos a finos, quanto mais aqueles...

Asinus — Para os amgos há sempre uma *borla* do caixão. Venha por aqui. O seu amigo poucas vezes passa por cá. Mas está cá o Zé que é a mesma coisa. Das 6 às 7.

Campo do Cirne — Temos em nosso poder mais dez glosas que já não podemos publicar. Temos pena; mas se dêssemos expansão a esta secção havia que publicar uma nova MARIA RITA.

MARIA RITA é o jornal humorístico  
: : : : de maior expansão : : : :

dizia que êle roubava os cobre da gente, mas neste paiz ondî canta o sábia, e a as onça lá no mato dá urro de estarrêcê as criancinha, todo o mundo rouba, lá com essas trêta di endireitá o Paiz.

O que êles querê é roubá eles só!

As população vae abrindo os oio, e êste nêgoço di política já não presta, não!

Esta raça forte, onde parpita o sangue português misturado com o di mulata como si fôra memo café com leite, há-de de acordá um dia para o seu rêsgate dêfinitivo.

Qui o grito de um novo Ipiranga si não faça retardá muito é o quê mais si deseja para dignidade de nois todo e da integridade basilar e inconfundivi di esta Patria de Roy Barboza, Euclides da Cunha, Médeiros de Albuquerque e Dr. Jacarandá!

Em estas inquirónicas parparitá objectiva e contraproducentemente o gênio proeminente, renitente e provavelmente, di esta gente tão audaz, como sagas e valente!

Por hoje, sou quem mecês sabe.

Dr. JACARANDÁ.

P. S. — Dá incumprimento ao pessoal das Administração e Tipografia e diz à êle qui tome cuidado com as bestêras qui eu escrevo, não vá botá tudo ao contrario...



Para o mote

**Se casar a Beatriz**  
*Lá se vai o burriê.*

recebemos as seguintes

**GLOSAS:**

Gentil entre as mais gentis,  
deitando as demais a um canto,  
há de perder muito encanto,  
*se casar a Beatriz.*  
Sabe agora, a linda atriz  
— de enfiar e de homê —  
a marisco em fricasse,  
que apetece devorar.  
Mas se um dia se casar...  
*lá se vai o burriê!*

**Kummon.**

Nunca mais serei feliz,  
sofrerei fundo quebranto,  
vererei imenso pranto,  
*se casar a Beatriz.*  
Ela adora, no que se diz,  
o marisco à brasileira,  
bem regado com café.  
Mas só enquanto solteira.  
Casando, faz uma sozeira:  
*lá se vai o burriê!*

**Mam-de.**

Chorará qual chafariz,  
trêmulo e de olhos em brasa,  
o poeta Cunha da Raza,  
*se casar a Beatriz.*  
Gosta muito de essa atriz,  
acha-a linda qual Psíquê,  
mimosa como um bebê,  
picante como um marisco.  
Mas casando, adeus, petisco!  
*Lá se vai o burriê!*

**Biturino.**

Numa noite infeliz  
A «Amelinha» viciosa  
Diz ao «Chiquinho» Barbosa:  
*Se casar a Beatriz*  
Com o tipo que ela diz  
Também casa o meu José.  
Já ninguém merece fé  
Vejo tudo emaranhado  
E o meu amor desfolhado  
*Lá se vai o burriê.*

**Cnganinho.**

— É uma beleza de atriz,  
Mas o amor é-me adverso,  
E, a pesar do meu verso,  
*Se casar a Beatriz.*  
Eu direi: foi por um tris,  
Pois, *anfão!* é *canô!* —  
Me disse assim o Mané  
E acrescentou fristonho:  
— Lá se me vai o meu sonho,  
*Lá se vai o burriê.* —

**Tônio.**

A sua sorte maldiz  
Um «gobiru» que eu conheço,  
Bem descaido e travesso,  
*Se casar a Beatriz.*  
Um «pardal» assim feliz  
Como ele ainda é,  
Morre, se lhe passa o pé  
Esse arranjinho de truz!  
Casar!! Que azar!! Ih! Jesus!!  
*Lá se vai o burriê!*

**Tito.**

Não mais volta ao chafariz  
De cantarilha à cabeça  
Assim que o dia amanheça,  
*Se casar, a Beatriz!*  
Que Deus a faça feliz,  
Como pomboinha que é,  
A ela mais não... José!  
Que no jugo do matrimônio  
Gozem; ou é o demônio!  
*Lá se vai o burriê!*

**Asinus.**

Nunca mais serei feliz  
Mesmo que viva cem anos  
Livro de novos enganos,  
*Se casar a Beatriz!*  
A minha sina me diz  
(E na sina tenho fé):  
«Quando a ti te passe o pé  
Não-iva rica ou serva parda,  
Põe as costas uma albarda!»  
*Lá se vai o burriê!*

**Tripeiro.**

Fico a torcer o nariz,  
Mesmo triste como a morte,  
Dando no demo a minha sorte,  
*Se casar a Beatriz!*  
Mas perderei — infeliz —  
A minha *siquetram!*,  
O bilizinho da Sé!  
Vou já *cantar-lhe*, umas tretas,  
Pois se me passa as palletas  
*Lá se vai o burriê!*

**Zé da Sé.**

Um automóvel ela quis,  
Em troca, já estás a ver...  
Mas nunca mais torna a ser  
*Se casar a Beatriz.*  
Ela tem fraco nariz,  
Que o diga cá o Zé  
Que lhe viu passar o pé,  
Numa entrevista funesta,  
E marcando-me bem a testa  
*Lá se vai o burriê!*

**Zé do Norte.**

O meu juízo eu já fiz  
Do que vai acontecer  
E que todos hão de ver  
*Se casar a Beatriz.*  
Primeiro morre o Luis  
A seguir o teu José  
Em terceiro o Barnabe  
E depois o Edmundo  
Alé que se acaba o mundo  
*Lá se vai o burriê.*

**H. C.**

De norte a sul do país  
A todos se ouve dizer:  
Que revolução vai haver  
*Se casar a Beatriz!*  
E ser for com o Luis  
Que dizem di'arrasta o pé!!  
Claro! Deixa o Jose  
Que de certo se não cala;  
E nela mete uma bala  
*Lá se vai o burriê.*

(Lisboa).

**Henrique Cardoso.**

Quem será esse feliz  
Que lhe cubera por sorte  
Esta noiva por consorte  
*Se casar a Beatriz!*  
Por enquanto não se diz  
Por não se saber quem é...  
E eu desconfio até  
Que ela não vai nesse bote,  
Pra não dar razão ao mote:  
*Lá se vai o burriê!...*

**Alfredo Cunha (Raza).**

Está no Pôrto uma atriz  
Que todo o povo aprecia  
Alé dizem com ironia:  
*Se casar a Beatriz.*  
Com o nosso Estêvão  
Da «Revista a Mexilhão»  
Logo se põem a chorar  
E com verdade assim é  
Pois se a Beatriz casar  
*Lá se vai o burriê.*

**Carlos H. S. Neves.**

O mundo tudo maldiz...  
Ouvi cantar a Alice;  
E por isso faz tolice,  
*Se casar a Beatriz.*  
Hoje é livre qual perdiz;  
Mas se é certo esse banzé,  
Que ouvi aqui no pé,  
Vai unir-se a um judetm...  
Nos laços do himeu...  
*Lá se vai o burriê!...*

**Rei dos Nabos.**

Ela é doce como anis,  
Formosa como açucena...  
Por certo morro de pena,  
*Se casar a Beatriz.*  
Oh encantadora atriz,  
Oh belladonna... Oh por quem é...  
Não cuia nesse file,  
Não vá lá nessa chalaca...  
Pois perdendo a sua graça...  
*Lá se vai o burriê!...*

**Corisco.**

Fiquei da cor da perdiz  
Quando vi o mexilhão,  
E até fico num febrão,  
*Se casar a Beatriz.*  
Pois eu quasi por um tris,  
Ouro fugia pra Loulé,  
Pois tão «bacana» ela é  
Que põe a gente maluca  
A cantar a Bazaruca:  
*Lá se vai o burriê.*

**D. de F.**

Oh que grande chamariz,  
Nesse dia de himeu,  
Venham ver o que perdeu.  
*Se casar a Beatriz.*  
Não acredite o que diz,  
A vizinha aqui ao pé,  
Se casar é porque é,  
Mesmo troixinha de todo;  
E se cair nesse engodo...  
*Lá se vai o burriê!*

**Sacripanta.**

O meu palpite me diz  
Que vai ser grande a tristeza,  
Quando p'la sua beleza  
*Se casar a Beatriz.*  
Pois nesse dia infeliz,  
— Tenho cá este file, —  
Beatriz cheia de fé,  
Nunca mais sobe à ribalta  
E a gente sente-lhe a falta  
*Lá se vai o burriê.*

**Lérias.**

Se um dia acabar o... bis,  
E as cançonetas marcantes,  
Chistosas, quentes, picantes;  
*Se casar a Beatriz.*  
Com qualquer actor feliz  
E tiverem um nené,  
Três ou quatro, — dez até,  
Adeus palmas estrondosas,  
Adeus noites gloriosas,  
— *Lá se vai o burriê!*

(Santo Tirso).

**Adriano X. Nel.**

Há muita gente que diz,  
E eu acredito a valer,  
Grande beija vai haver,  
*Se casar a Beatriz.*  
Pois tudo mete o nariz,  
Tudo faz festa a banze,  
Mas ela tem boa é  
Que vai dizendo aos pategos:  
— Quando eu casar O' labregos!...  
*Lá se vai o burriê.*

**Delfim de Freitas.**

Arnaldo Leite diz  
Estou farto de dar suspiros  
Na cabeça do três tiros  
*Se casar a Beatriz.*  
Fazia de imperatriz  
Por formosa que ela é,  
Cantava quem é? Quem é?  
Mas a mim não me quer ela  
Vai-se casar a donzela  
*Lá se vai o burriê.*

Disse-me o meu aprendiz  
Ao chegar à oficina  
Patrão temos obra fina  
*Se casar a Beatriz.*  
Segundo o que aí se diz  
Vai casar com um tal José  
Empregado num café  
Da Rua do Bomjardim  
Disse eu então cá para mim  
*Lá se vai o burriê.*

**Monteiro I.**

Compor a glosa não quis  
Sem ir ver, com holofote,  
A personagem do mote.  
*Se casar a Beatriz.*  
Verá crescer... o nariz —  
Pois passa a fungar rapê  
Como um cônego da Sé!  
Tal gosto ganha às pitadas  
Que, meus ricos camarada,  
*Lá se vai o burriê!*

**Narigudo.**

Chorando, triste, infeliz,  
O amigo «Teodoro»  
Foge deixando o sonoro  
*Se casar a Beatriz.*  
Com o Gregório Esmériz,  
«Timpanas», rei do banzé,  
Com ciúmes dá ao pé;  
Bate as asas o «Coichicho»,  
E também por um capricho  
*Lá se vai o burriê!*

**Olegna.**

Eu vou ser muito infeliz,  
Vou talvez morrer de susto  
Resistindo a muito custo  
*Se casar a Beatriz.*  
Aquele seu lindo nariz,  
Que cheirou tanto rape,  
Juro, pela minha fé,  
Que servia pra chupar,  
Porém se ela se casar  
*Lá se vai o burriê!*

**Toninho da Porca.**

Vi-a agora, e por um triz!  
Milagres que a sorte fez!  
Que venturoso rapaz!  
*Se casar a Beatriz.*  
Essa gracinha de atriz,  
Migalga de Salomé,  
Vou pedir a S. José  
O raminho do açucena!  
Ficamos sem a pequena!  
*Lá se vai o burriê!*

**Asinus.**

**OS NOSSOS CONCURSOS DE GLOSAS**

**Do Campo do Cirne**

**Distribuição de prémios**

Só no próximo número daremos a relação das premiadas. O Juri e o nosso Sebastião tem trabalhado 25 horas por dia; mas elas são tantas que só dentro de dias poderão dar a classificação.

**Concurso Perjuro**

Também foi impossível o seu início neste número. Para o próximo sê-lo-á se Deus quiser.

**Concurso da MARIA RITA**

Todos os dias vemos aumentada a lista dos nossos glosadores. O mote da Beatriz, então, chamou às fileiras algumas dezenas de admiradores. Por esta razão não damos mote novo e pedimos a todos que já enviaram o favor de não repetirem; de contrário temos mote até ser velhos, e os despartadores enferrujados. Quanto às regueiras de Valongo, ficarão mais ressequidas que as de Ramalde.

# O CONCURSO DO NATAL E ANO BOM JOGO DO QUINO

que no próximo número iniciaremos, consiste apenas nisto:

A MARIA RITA publicará a fotografia de um cartão vulgar, dos que se empregam no **JOGO DO QUINO**.

Como em todos os cartões desse jogo, haverá neste nosso, 15 números, que será necessário preencher no prazo de 5 semanas.

Semanalmente serão tiradas pela MARIA RITA 3 bolas, correspondentes a outros tantos números dos que estão no cartão. O controle será feito como todos os outros por um envelope devidamente lacrado e exposto na Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade, do Porto.

O concorrente tem direito a marcar **semanalmente 4 (quatro)** números de seu palpite sobre o nosso cartão, que recortará, remetendo-o até à quinta-feira seguinte.

**Fica portanto com 8 palpites** a seu favor, visto que nas 5 semanas tem 20 palpites, contra 12 números em que deve acertar em virtude que os da última semana não será necessário adivinhá-los, pois, serão os últimos do cartão.

Os prémios serão distribuídos da seguinte maneira:

**1.º prémios** — Entre os concorrentes que consigam fazer uma **tumba**. (Isto é: encher completamente o cartão — 3 quinas).

**2.º prémios** — Entre aqueles que consigam fazer duas quinas e um terno.

**3.º prémios** — Entre aqueles que só alcancem duas quinas.

**4.º prémios** — Entre aqueles que só alcancem uma quina.

## E SERÃO OS SEGUINTES:

**2 primeiros prémios** de 500\$00 esc. cada.  
**2 primeiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 segundos prémios** de 100\$00 esc. cada.  
**2 segundos prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 terceiros prémios** de 50\$00 esc. cada.  
**10 terceiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**100 quartos prémios** representados por dinheiro ou objectos oferecidos num valor nunca inferior a 10\$00 esc.

Dos objectos oferecidos podemos desde já dar a seguinte lista:

**1 magnífico corte de fazenda para fato** oferecido pelo grande amigo da MARIA RITA, sr. José do Sul.

**1 grafonola e 6 discos**, oferta gentil da casa acreditadíssima do sr. Ricardo Lemos.

**6 pares de ligas para senhora**, em seda, oferecidos para o nosso concurso pelo célebre Pinto Camiseiro.

**1 dúzia de caixas do conhecido Pó de Arroz Belkiss**, oferta do seu representante sr. A. J. de Almeida.

**25 latas de conserva especial**, que nos ofereceu a grande fábrica de conservas de Matozinhos A "Continental".

**1 colecção de latas para despensa**, esplêndido presente para uma dona de casa, que devemos à gentileza do sr. J. Vieira Coelho.

**1 peça dos célebres cotins "Campo do Cirne"**, que o sr. Sebastião Ferreira Mendes nos mandou.

E a bicha seguirá porque a MARIA RITA é alguém na nossa terra.